

Arnaldo _____
Saraiva

De Espanha nem bom vento...

De Espanha nem bom vento...

Por Arnaldo Saraiva

Quando em Portugal se fala nas relações luso-espanholas, ou se discute a presença de espanhóis em negócios bancários, imobiliários, e outros, é difícil escapar à tirania do lugar-comum (que se vê mesmo nos casos em que ele é ironizado ou contrariado): "De Espanha nem bom vento nem bom casamento". Uma crónica de Maria Filomena Mónica poderá levar algum leitor a supor que ele nasceu na segunda metade do séc. XIX, quando "os portugueses passaram a ignorar o vizinho"¹.

Ora, segundo José Leite de Vasconcelos, o provérbio "tem origem muito remota"², opinião compartilhada por Ladislau Batalha³, que o dá como "muito antigo", por José Maria Adrião⁴, que o relaciona com um "histórico ressentimento" de séculos, por Adolfo Coelho⁵, que, vendo-o como produto das "dissensões" portuguesas com Castela, não se atreve a datá-lo nem a ligá-lo a algum acontecimento.

Leite de Vasconcelos avança uma hipótese sem qualquer fundamento: "Certamente *nem bom casamento* é arredondamento rítmico, e o provérbio na origem era só a primeira metade: *de Hespanha nenhum bom vento*, ou *não bom vento*"⁶. O que poderemos assegurar é que, na origem, não comparecia o topónimo "Espanha", que em data incerta se sobrepôs a "Castela". No primeiro inventário geral dos provérbios portugueses - mais correcto seria dizer: em português -, publicado em 1651 por António Delicado, só aparece esta versão: "De Castela, nem bom vento, nem bom casamento"⁷.

Foi decerto por isso que Enrique Martínez-López supôs que a variante "anti-espanhola" do provérbio "é relativamente moderna"⁸. Conviria lembrar no entanto que em

0 *Independente*, 16 de Setembro de 1994: «Mas, exceptuando as populações raianas, onde as águas e os postos podiam suscitar conflitos, os portugueses passaram a ignorar o vizinho. Os livros vinham de Paris, as mercadorias de Inglaterra. "De Espanha, nem bom vento, nem bom casamento". Ponto final». No final deste mesmo ano de 1994 notei uma invulgar frequência deste provérbio nos jornais. Por exemplo: 0 *Independente* de 11/XI/94, *Diário de Notícias* de 27/XI/94, e *Público* de 23/X/94, 28/XI/94 e 3/XII/94. *Etnografia Portuguesa*, I, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980, p. 83. José Leite de Vasconcelos foi possivelmente influenciado pelo que leu no *Vocabulário de Refranes* (1627) de Gonzalo Correias, a propósito do provérbio "De Aragón, ni buen viento ni buen varón": "To primero es por el viento solano que viene a Castilla de la banda oriental do está Aragón en Espana; lo segundo se anadió por consonância y matraca". *História Geral dos Adágios Portugueses*, Paris-Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1924, p. 299 (v. também p. 181 e segs.). *Revista Lusitana*, vol. XXI, 1918, p. 4Q. Referido por José Maria Adrião, *ibidem*. Ver nota 2. *Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares Comuns*, Lisboa, Livraria Universal, 1923, p. 118. Vejam-se outras "variantes" como as registadas por Maria de Sousa Carrusca: "De Castela nem costumes nem ciúmes", "De Castela nem viúva nem donzela" [*Vozes da Sabedoria*, II, Lisboa, 1975, p. 89]. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena"*, ano II, n.º 4, Araraquara, Julho/Dezembro de 1993, p. 35.

Portugal ainda hoje "Castela" pode valer sinodoicamente como sinónimo de "Espanha", do mesmo modo que pode haver equivalência ou confusão entre "espanhóis" e "castelhanos". Em ambas as versões julgaremos estar perante um provérbio eminentemente nacional e nacionalista, mas talvez nos enganemos. Porque é bem possível que tal provérbio imite ou adapte um "refrán" espanhol.

Já Ladislau Batalha se interrogava sobre o carácter "nacional" de um "rifão" que lhe parecia "mera paráfrase" (*sic*) do espanhol "De Jerez / Ni buen viento / Ni buen casamento (*sic*) / Ni mujer que tenga asiento", ou que lhe parecia semelhante aos franceses "De l'Auvergne / Ne vient / Ni bon vin / Ni bon vent / Ni bon argent / Ni bonnes gens"⁹. Mas ele desconheceu que já no "refranero" de Hernán Núñez (1555) aparecia o provérbio "El viento y el varón, no es bueno de Aragón"¹⁰; e que o *Vocabulário de Refranes* de Gonzalo Correas (1627) incluía esta versão: "De Aragón, ni buen viento ni buen varón".¹¹

Mais curioso ainda: no livro de Fernando Diaz-Plaja *El Español y los Siete Pecados Capitales* fui encontrar uma referência ao velho provérbio "De Cabra (Córdoba), ni el viento, ni el pimiento, ni el casamiento"¹²; e na colecção de *Refráns e Ditos Populares Galegos* de Federico Zamora Mosquera aparece este: "De Espana, nin bon vento, nin mal casamento".¹³

As analogias entre os adagiados português e espanhol são incontáveis, tal como as de outras tradições verbais, do romanceiro à literatura de cordel, onde às vezes é difícil saber quem imitou ou quem inventou - o que revela que as duas culturas nem sempre viraram as costas uma à outra, e nem sempre favoreceram o ponto de vista evidenciado no nosso provérbio, cujo conteúdo anti-espanhol contrasta com ou na forma importada certamente de Espanha.

Em todo o caso correm em Portugal variantes proverbiais que transferem para terras portuguesas o odioso de Castela e de Espanha. Teófilo Braga transcreveu esta versão: "Da Arruda / Nem mulher / Nem mula; / Nem vento, / Nem casamento"¹⁴; Pedro Chaves cita a variante: "De Esgueira"¹⁵... (a terra aveirense hoje conhecida pelo seu basquetebol que o brasileiro Leonardo Mota¹⁶ converteu em nome comum); Maria de Sousa Carrusca cita a variante: "De Braga"¹⁷...; e Armando Côrtes-Rodrigues regista no seu *Adagiado Popular Açoriano*: "Do Nordeste / nem vento, nem casamento" (a que o prefaciador Carreiro da Costa acrescentou dois "bom" por sua conta)¹⁸.

⁹ Ver nota 3.

¹⁰ *Refranes o Provérbios em Romance*, Salamanca, Juan de Cánova, 1555.

¹¹ *Vocabulário de Refranes y Frases Proverbiales y Otras Fórmulas Comunes de la Lengua Castellana*, Madrid, 1906 (2ª ed., 1924).

¹² 21ª ed., Madrid, Alianza Editorial, 1980, p. 214.

¹³ Vigo, Galáxia, 1972, p. 75.

¹⁴ *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, II, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986, p. 247.

¹⁵ *Rifoneiro Português*, Porto, Imprensa Moderna, 1928, p. 82.

¹⁶ *Adagiário Brasileiro*, Fortaleza, Universidade Federal de Ceará, 1982, p. 100.

¹⁷ Op. cit. na nota 7, p. 96.

¹⁸ I vol., Angra de Heroísmo, Antília, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1982, p. 210 e p. 31.

Podemos assim concluir que é muito relativo o nacionalismo ou o anti-espanholismo do provérbio (como o são as "verdades" proverbiais). Embora admitamos a generalização metafórica da sua negatividade traduzida apenas por dois termos referentes ao mundo natural e ao mundo social, facilmente o inscrevemos entre os muitos "adágios tópicos" ou "prolóquios toponímicos" que irónica ou jocosamente (e quase nunca objectivamente) traduzem identidades ou preconceitos de vizinhos. Para lá disso, o provérbio contém uma informação meteorológica - sobre "o maldito vento suão"¹⁹, a que José Régio se referiu em verso e prosa -, e traduz o velho tópico do casamento "em terra alheia" (e não só em Espanha ou em Portugal), que aliás é melhor traduzido por outro provérbio: "Quem ao longe vai casar ou vai enganado ou vai enganar".

Mitigando ou não a xenofobia²⁰ do nosso provérbio²¹, teremos de reconhecer que o seu uso não favorecerá o casamento sonhado no séc. XIX pelo poeta salamantino D. Ventura Ruiz Aguilera. O casamento não já apenas de alguns homens e mulheres de Portugal e de Espanha, mas dos dois países ibéricos: "Ibéria! Já te estou vendo... / Tu hás-de ser sem rival; / Pois hão-de fazer-se as bodas / De Espanha com Portugal".²²

¹⁹ José Régio, *Histórias de Mulheres* (cit. por Maria Sousa Carrusca, op. cit. na nota 7).

²⁰ Manuel João Gomes não inclui o provérbio nas rubricas referentes à meteorologia, à sociologia e à toponímia, mas inclui-o na rubrica "da política" - "da nação, do nacionalismo, da xenofobia" (*Nova Recolha de Provérbios Portugueses e Outros Lugares-Comuns*, 2ª ed., Lisboa, Afrodite, 1986, p. 81).

²¹ Não faltam glosas, até em verso, que favorecem ou desfavorecem, humoristicamente ou não, a leitura mais ou menos anti-espanhola do provérbio. Num "curso de provérbios ilustrados" v le no início do século organizou um jornal lisboeta (de que possuo recorte), podia ler-se esta sextilha:

"Da terra da *malagueha* Há
pouco de bom que venha P'rò
país da guitarrada; E agora,
então, como o "duro", Dia a dia,
sobe um furo, Com certeza não
vem nada."

Mas nos *Ditames e Ditérios* (II, 1930, p. 63) Alfredo Cunha deixou esta glosa:

"Nunca em terra estranha - seja ou não Espanha -procures com quem
te cases! Raramente de lá trazes companhia p'ra teu bem, ou de lá te
sopra e vem alguma aragem fagueira. De exemplos mil, que alto falem,
a nossa história está cheia."

²² Versão de J. Simões Dias, publicada no "periódico mensal da literatura" *A República das Letras*, n.º 1, Abril, 1875.